

## CLASSIFICAÇÃO DE CARÇAÇA BOVINA

- Parte II: O sistema oficial do MAPA tem uma parte boa e outra inadequada -

Pedro Eduardo de Felício<sup>1</sup>

O sistema brasileiro de tipificação de carcaças é constituído de duas partes, sendo a primeira uma classificação que segue o modelo descritivo e a segunda, uma tipificação, que utiliza os parâmetros da primeira parte para reunir as carcaças em tipos ordenados, como se houvesse uma hierarquia entre si, do melhor para o pior. Neste artigo será discutida a parte da classificação.

Para que se entenda o que há hoje e, quem sabe, projetar um sistema melhor, é bom que se diga que foi a partir de alguns estudos e viagens ao exterior que uma comissão técnica do Ministério da Agricultura chegou à conclusão, em 1972, que o Brasil deveria adotar um método descritivo de classificação de carcaças, ou como se dizia à época, uma identificação codificada. Isto permitiria aos segmentos de produção e indústria de um país de tão ampla diversidade regional, seja de gado para abate, seja de hábitos de consumo, detectarem preferências comerciais localizadas.

No início eram muitos os parâmetros a identificar, mas decidiu-se manter apenas quatro: o sexo, a maturidade, a gordura de cobertura e a conformação. A condição de sexo do bovino, em suas três categorias: (M) macho inteiro, (C) macho castrado, e (F) fêmea; combinada com a maturidade: (J) jovem, (I) intermediária e (A) adulta, permite definir se o bovino é um (JM) macho inteiro jovem, ou tourinho, um (IC) macho castrado, 42-54 meses, ou seja, um novilhão, ou ainda uma (AF) fêmea adulta, isto é, uma vaca e, assim por diante, até completar as nove combinações possíveis, que formam as primeiras “palavras” de uma “linguagem” de fácil compreensão no setor da carne.

A gordura de cobertura (GC) e a conformação (CONF) são parâmetros avaliados visualmente por profissionais treinados para atribuir os escores de GC: (1) ausente, (2) escassa, (3) mediana, (4) uniforme e (5) excessiva; e de CONF: (1) côncava, (2) subretilínea, (3) retilínea, (4) subconvexa e (5) convexa. À época chegou-se a discutir se haveria diferenças em rendimentos atribuíveis à conformação que justificassem a sua inclusão no sistema brasileiro, mas hoje se vê que a CONF pode ter algum valor para separar carcaças de mestiços leiteiros (as côncavas e subretilíneas), de zebuínos (as retilíneas), das cruzas de *Bos indicus* com *Bos taurus* continental (as subconvexas), e de uns raros bovinos hipertróficos (as convexas). Embora nos lotes uniformes de gado essa informação pudesse ser registrada no computador a partir da papeleta de inspeção *ante-mortem*, ainda existe muita variação dentro dos lotes que inviabilizaria tal prática.

Os escores de GC diferenciam carcaças que terão desde um mínimo (GC=1), até um máximo (GC=5) de aparas de gordura, representando menor e maior perda na desossa, respectivamente. Enquanto os escores de CONF, quando corretamente avaliados, discriminam as carcaças que terão desde uma mínima (CONF=1) até uma máxima (CONF=5) relação carne : osso, correspondendo a menor e maior rendimento de desossa, respectivamente. Seria tão simples assim, não fosse pelo fato de que, na carne, maiores rendimentos estão quase sempre associados a pior qualidade, sendo desejável uma combinação de GC=3, com CONF=3 ou 4. Obviamente o que é desejável hoje poderá não ser mais amanhã, mas de qualquer modo um dos objetivos da classificação é este, de permitir que as preferências se manifestem, e que sejam transmitidas ao segmento de produção pecuária, que por sua vez prepara a genética e os sistemas de produção do gado que será abatido alguns anos mais tarde.

A parte do sistema que trata da classificação poderia até ser melhorada, por exemplo, eliminando-se a maturidade intermediária, para que restassem seis combinações de sexo-maturidade em lugar de nove, pois ou bem o gado é jovem - tourinhos, novilhos e novilhas - para abate, ou é adulto - vacas de descarte e touros. Outra modificação seria reduzir os cinco escores de conformação a três de musculosidade: (S) Superior, (R) Regular e (I) Inferior, no gado jovem; duas apenas (R) e (I) nas fêmeas adultas, e dispensando desse critério os touros adultos. Poder-se-ia, também, incluir uma classificação por peso, que é fundamental para as empresas que têm que padronizar o peso dos cortes cárneos.

Com o avanço da rastreabilidade, visando sobretudo as exportações, pode-se incluir um código para o sistema de alimentação (p. ex. intensivo, extensivo e orgânico), e o que mais venha ser necessário. Mas o fato é que a classificação que temos hoje é boa, sendo inadequada apenas a segunda parte do sistema, que será o assunto do terceiro artigo da série.

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Engenharia de Alimentos, da Unicamp. CP 6121, CEP 13.083-970.  
**Revista ABCZ, Uberaba, ano 3, n.15 (jul./ago.), p. 154-155, 2003.**